

Gaza: Netanyahu pede plano para deslocar civis

Premier de Israel faz solicitação ao Exército após anunciar expansão dos combates ainda mais para o sul do enclave palestino, onde metade da população está encurralada em Rafah; ONU e EUA criticam ofensiva

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, pediu ao Exército de seu país que apresente um "plano combinado" para "deslocamento" de civis de Rafah e de "destruição" do grupo terrorista Hamas, na cidade do sul da Faixa de Gaza. O pedido ocorre após o anúncio feito pelo premier, na quarta, sobre a expansão das operações militares no sul do enclave palestino.

"É impossível atingir o objetivo da guerra de eliminar o Hamas deixando quatro batalhões do Hamas em Rafah. Ao contrário, é evidente que a atividade intensa em Rafah requer que os civis evacuem as áreas de combate", informou o gabinete do premier em comunicado publicado na rede social X (antigo Twitter).

NÃO APROPOSTA TRÉGUA
Netanyahu ordenou, na quinta-feira, que os militares não deixassem o local da operação militar no enclave para Rafah, para onde centenas de milhares de cidadãos palestinos fugiram à medida que o conflito se intensificava mais ao norte. O anúncio do premier veio pou-

co depois de ele rejeitar uma proposta de trégua, mediada por Catar, EUA e Egito, para troca de reféns israelenses e estrangeiros por prisioneiros palestinos com o Hamas.

Rafah abriga hoje mais de metade dos 2,3 milhões de habitantes de Gaza. Antes da guerra, a pequena cidade de apenas 65km² abrigava 250 mil pessoas e era considerada uma pequena cidade de fronteira com a falta de alimentos, água e remédios, e a crescente aglomeração de pessoas agravou surtos de doenças como a sarna e a disseminação de picadas. A ONU estima que há um chuveiro para cada 2 mil pessoas e um banheiro para cada 500. Mais de 28 mil pessoas já morreram nos ataques israelenses a Gaza.

A ofensiva contra a cidade preocupou autoridades estrangeiras, incluindo de países aliados de Israel. O presidente dos EUA, Joe Biden, afirmou na quinta-feira que a "condição da resposta" de Israel, ao Hamas, em Gaza "foi exagerada". O porta-voz do Conselho de Segurança Na-



Escassez. Mulheres e crianças fazem fila para pegar água em Rafah, no sul de Gaza, cidade alvo de ofensiva de Israel

cional da Casa Branca, John Kirby, advertiu que uma operação militar seria "um desastre" para as pessoas na região, considerando as circunstâncias no terreno.

Em Washington, já surgem vozes questionando a viabi-

lidade de eliminar o Hamas por meios bélicos. Os EUA enviaram o secretário de Estado, Antony Blinken, para a quinta missão na região desde o início da guerra, em 7 de outubro, na tentativa de garantir nova trégua e troca de reféns. Ape-

sar da negativa inicial de Netanyahu à proposta de cessar-fogo do Hamas, analistas apontam que ele deixou a janela para negociação aberta.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, por sua vez, descreveu uma

possível ação militar contra Rafah em termos similares, apontando que uma invasão israelense poderia provocar uma "tragédia gigante".

—Metade da população de Gaza está agora amontoadada em Rafah—disse Guterres.—Eles não têm para onde ir. Eles não têm casa, e não têm esperança. Eles vivem em abrigos improvisados superlotados, em condições insalubres, sem água corrente, eletricidade e alimentos adequados.

800 MIL FUGIRAM DO NORTE
No início da guerra, há quatro meses, as forças israelenses concentraram suas operações na Cidade de Gaza e em outras localidades no norte do enclave, onde deram ultimato à população local para que fugisse, levando cerca de 800 mil pessoas a se deslocarem para o sul.

Na etapa seguinte, as tropas de Israel avançaram em direção a Khan Younis, mais ao sul. Rafah era o destino considerado o mais adequado da ação militar direta. Agora, centenas de milhares de pessoas estão encurraladas no sul. Devido ao temor de uma fuga em massa de palestinos para seu território, o Egito reforçou a fronteira. (Com AFP e NYT)

VIVIAN GSWALD
Especialista em O GLOBO
Internacional@globo.com
BRASIL

O inesperado anúncio de que o rei Charles III suspenderá a agenda pública para fazer um tratamento contra um câncer causou desconforto e certa ansiedade entre os britânicos por várias razões. É incomum a Casa Real voluntariamente permitir que médicos de seus integrantes, sobretudo quando se trata da saúde do soberano. Conta-se nos deões de uma mão o número de vezes que a rainha Elizabeth II —já nonagenária— pôs os pés em um hospital. "Jamais queixar-se, jamais explicar-se" —a frase atribuída a Benjamin Disraeli (1804-1881), que foi primeiro-ministro sob a rainha Vitória, vem sendo mantra da realeza por séculos. Expor a fragilidade da condição humana dos monarcas tem o duplo efeito de diminuir o mistério que os torna tão especiais e enfraquecer a instituição. Não há vácuo de poder.

PAÍS VIVE TRIBULAÇÕES

Após os 70 anos do mais longo reinado da História do Reino Unido e 96 de vida de Elizabeth II, sua soberana mais longeva, os britânicos habituaram-se a ver nos Windsor uma espécie de estabilidade atemporal, capaz de resistir a crises, guerras e pandemias. Recentemente, contudo, as coisas mudaram.

Em menos de cinco anos, o Reino Unido viu-se às voltas com quatro primeiros-ministros e perdeu sua referência maior, a rainha, enquanto tenta recuperar a importância geopolítica após o Brexit (a saída da União Europeia) e, a duras penas, retomar o crescimento econômico.

Além disso, um traço nacional é esquivar-se de temas desagradáveis sempre que possível. Entre eles, doenças. A transparência com que o Palácio de Buckingham trata o tema da margem a re-



Sem rodeios. Um jornalista de TV segura um exemplar do tabloide The Sun diante do Palácio de Buckingham, em Londres, com a manchete do câncer do rei

Exposição de câncer de Charles III põe em questão 'mistério da monarquia'

Para especialistas, transparência visa evitar especulações, mas ausência da vida pública pode afetar imagem

peculações sobre os novos rumos da monarquia sob Charles III, que vai completar 18 meses no trono, e sobre a própria seriedade da enfermidade. Causa insegurança.

Charles III já havia sinalizado que os tempos são outros. Pouco depois de assumir, se submeteu a um procedimento cirúrgico para tratar de um problema de próstata que teria sido revelado benigno. O anúncio, porém, aconteceu na mesma semana em que se revelou, sem detalhes, que a princesa de Gales seria submetida a uma cirurgia abdominal. O que se sabe até agora é que, após duas semanas de internação, Kate ficará reabilitada no Castelo de Windsor, onde vive com o príncipe

herdeiro William e os três filhos, até a Páscoa.

AO GLOBO, a especialista Pauline MacLaran afirma que o público se mantém solidário ao rei. Mas o fato de a princesa ficar afastada dos afazeres reais por tanto tempo também gera insegurança. Kate é parte do chamado núcleo familiar reduzido. Uma das primeiras medidas de Charles III foi enviar a lista dos chamados working royals, os membros da família a serviço.

—Isso mostra fragilidade em um momento em que membros do núcleo precisam afastar-se por um tempo. A transparência do Palácio é atípica para evitar especulações desnecessárias sobre a saúde do rei e talvez até para

desviar a atenção da saúde da nora —disse MacLaran, professora da Universidade de Londres e coautora do livro "Royal fever: the British monarchy in consumer culture" (Febre real: a monarquia britânica na cultura do consumo, em tradução livre).

WILLIAM MAIS ATIVO

Para ela, William, que deve cobrir parte da programação do pai (no ano passado, foram 425 compromissos públicos, pelas contas do jornal "Telegraph"), estará mais do que nunca sob os holofotes.

—As pessoas devem vê-lo como a estrela-guia do futuro da monarquia —disse.

Segundo o comunicado do palácio, o monarca teria abert-

to o jogo sobre seu novo diagnóstico (ainda que sem revelar qual tipo de câncer e sua localização) também para aumentar a compreensão do público sobre uma doença que afeta a tantos. No dia seguinte, o primeiro-ministro Rishi Sunak resultou a importância do diagnóstico precoce do soberano.

Se a saúde de Charles III piorar, pode-se recorrer ao Conselho de Estado, regência ou abdicação. Tudo isso começa a ser alvo de escrutínio. O conselho normalmente é escolhido entre o cônjuge real e quatro adultos em linha de sucessão ao trono. Como o filho Harry em autêntico nos EUA, onde vive com a mulher e os filhos, e o afastamento do

irmão, o príncipe Andrew (após escândalos sexuais), as opções são mais restritas.

Para a professora Lisa Hackett, da Universidade de New England, na Austrália, sem Harry e Andrew, o príncipe William (41), a rainha Camilla (76) e a princesa Anne (74) serão a face pública da realeza até segunda ordem.

—A família real não terá a mesma presença na vida britânica, o que pode enfraquecer sua imagem e marca. Elizabeth II entendeu o poder de ser vista. Seus compromissos públicos, mesmo mais velha, garantiram que a família mantivesse seu papel essencial na vida nacional —disse Hackett, coautora da pesquisa "A Life in Uniform: The Public and Foreign Uniforms of Queen Elizabeth II, the Rainbow Queen", que será publicada em breve no Australasian Journal of Popular Culture.

CRISE DE VISIBILIDADE

Para a especialista que vive na Austrália, uma das 14 nações que têm Charles III como chefe de Estado, é evidente que a monarquia enfrenta uma crise de visibilidade. Já para Pippa Catterall, historiadora da Universidade de Westminster, não haveria impacto sobre a popularidade da monarquia.

Em seu discurso de Natal de 2020, no auge da crise da Covid-19, Elizabeth II disse "vamos nos encontrar novamente". Assim foi. A época, ela e outros membros da família real migraram para as telas de computador. "Preciso ser vista para que acreditem que eu existo", disse ela a seu biógrafo australiano. Como Charles III e o palácio farão para manter a tradição da visibilidade ainda é uma incógnita. Há quem aposte que a máquina de marketing real se volte com força ao mundo virtual.

*A repórter foi correspondente em Londres de 2013 a 2016 e de 2019 a 2023